

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

Karen Foguer
Priscila Coutinho Ribas Ferreira

**Considerações de professores do ensino médio sobre a indisciplina em sala
de aula**

**São Paulo
2009**

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

Karen Foguer
Priscila Coutinho Ribas Ferreira

Considerações de professores do ensino médio sobre a indisciplina em sala de aula

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Biológicas e da Saúde na Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Ciências Biológicas.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Rinaldo Molina

São Paulo

Epígrafe

"Há três métodos para ganhar sabedoria: primeiro, por reflexão, que é o mais nobre; segundo, por imitação, que é o mais fácil; e terceiro, por experiência, que é o mais amargo".

Confúcio

Agradecimentos

Agradecemos a todas as pessoas, familiares e amigos, que nos ajudaram no desenvolvimento deste trabalho, mesmo que indiretamente, com o apoio e paciência ao ouvir nossas dúvidas e aflições.

Ao nosso orientador, Rinaldo, pela dedicação e paciência nos atendimentos. A todos os professores pelas dicas e orientações prestadas ao grupo, que mesmo não sendo nossos orientadores, disponibilizaram um pouco de seu tempo para nos atender, o que nos levou ao desenvolvimento de muitas idéias. Aos professores entrevistados, pela disponibilidade e atenção em fornecer as informações necessárias para a realização deste trabalho.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é identificar e analisar como um grupo de professores do ensino médio de uma escola particular da Zona Sul de São Paulo entende a indisciplina na sala de aula. Para isso, foram feitas, ao todo, sete entrevistas e a partir delas os resultados foram analisados. No referencial teórico foram discutidos os conceitos de indisciplina, autoridade, formação de professores e pensamento do professor. Como resultado os professores indicam em sua maioria, que a indisciplina influenciou nas aulas, bem como a importância da formação continuada para se lidar com ela. Verificou-se também grande variação na definição do que é indisciplina, na forma que os docentes lidam com ela e nos seus fatores geradores.

Palavras-chave: autoridade, ensino médio, formação de professores, indisciplina, reflexão de professores.

ABSTRACT

The objective of this work is to identify and analyze how a group of high school teachers of a private school localized in the south region of São Paulo understand indiscipline in the classroom. For that, seven interviews were made and the results were analyzed. In the theoretical reference the concepts of indiscipline, authority, teacher's graduation and their believes were discussed As a result the teachers indicated that their classes as well as their continued graduation were influenced by indiscipline. It was also found a big variation in the indiscipline's definition, and in the way that teachers deal with it as well as in its generators factors.

Key-words: authority, high school, academic teacher formation, indiscipline, teachers reflection.

Lista de Tabelas

Tabela 1. O que este grupo de professores considera indisciplina.....	35
Tabela 2. Como os professores lidam com a indisciplina.....	36
Tabela 3. Geradores da indisciplina.....	42
Tabela 4. Particularidades da área que causam mais ou menos indisciplina.....	44
Tabela 5. Indisciplina já atrapalhou a ponto de mudar o rumo da aula?.....	45
Tabela 6. Importância dos cursos de aperfeiçoamento profissional e realização destes.....	47

Sumário

Introdução.....	8
I. Indisciplina e o professor.....	11
1.1. O que é indisciplina e disciplina.....	11
1.2. Autoridade e autoritarismo.....	13
1.3. Formação de professores.....	15
1.4. O pensamento do professor.....	19
1.5. Como o professor se relaciona com a indisciplina na sala de aula.....	24
II. Metodologia.....	27
III. Análise de Dados.....	32
3.1. O que é indisciplina para este grupo de professores.....	32
3.2. Como lidar com a indisciplina em sala de aula.....	35
3.3. Quais os geradores da indisciplina para este grupo de professores.....	39
3.4. Particularidades da área que causam mais ou menos indisciplina.....	42
3.5. Indisciplina já mudou o rumo da aula?.....	44
3.6. Importância dos cursos de aperfeiçoamento profissional e realização destes.....	46
IV. Considerações Finais.....	48
V. Referências Bibliográficas.....	49
Anexo I – Entrevistas Transcritas.....	53

Introdução

Esse estudo objetiva identificar e analisar as considerações de um grupo de professores do ensino médio a respeito da indisciplina e como eles se relacionam com a mesma em suas aulas.

Quando tratamos do ensino médio falamos do atendimento de alunos adolescentes que se encontram na fase de contestação, de construção de seus próprios valores éticos e que procuram novas formas de se relacionar em termos culturais, econômicos, políticos, sociais e, até mesmo, por meio das tecnologias características da geração (ABERASTURY, *apud* SILVEIRA, 2003). Assim, os atos indisciplinados tendem a aparecer com mais frequência nesta etapa, embora também existam em idades mais jovens ou mais avançadas e, normalmente, são uma resposta a falta ou excesso de autoridade do professor (AQUINO, 2003).

Segundo a LDB, a educação abrange processos que se desenvolvem “na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Além disso, a educação escolar deve ser vinculada ao mundo do trabalho e à prática social.

A LDB coloca como finalidade da educação preparar o educando para o exercício da cidadania e para o trabalho. Sendo as finalidades específicas do ensino médio o aprofundamento dos conteúdos aprendidos no ensino fundamental, a preparação básica para o trabalho e para a cidadania facilitando a adaptação dos discentes a novas ocupações ou aperfeiçoamentos, a formação ética e o desenvolvimento do pensamento crítico e possibilitar que o educando saiba relacionar teoria e prática em todas as disciplinas.

O PCN+ apresenta algumas diferenças em relação a LDB. Enquanto esta prioriza tanto preparar o aluno para o trabalho quanto para a cidadania, na mesma intensidade, o PCN+ é voltado principalmente para a formação da cidadania, sustentando a interdisciplinaridade, habilidades, competências e a contextualização dos conhecimentos. Sendo que o último desses conceitos não significa necessariamente a contextualização dos conteúdos à realidade, ao cotidiano do aluno, pode ser ligado a algo maior, mais abrangente, o principal sobre esse conteúdo é que o conhecimento faça sentido para o discente.

Ao se constituir em um problema corriqueiro nas salas de aula, a indisciplina interfere diretamente na construção desses objetivos, pois incide no processo de ensino-aprendizagem, na construção do conhecimento pelo aluno e também na relação professor-aluno.

Apesar da falta de dados concretos dos órgãos de educação, devido a dificuldade de identificar isoladamente os diversos tipos de indisciplina, este é um tema que gera muita discussão quando se pensa nas relações presentes nas instituições escolares.

Muitos autores estudam e escrevem sobre este assunto. Para Vasconcelos (2001) e Aquino (1996) a relevância deve ser dada a situação social e familiar em que o aluno se encontra. Esses autores também fazem uso da psicologia, para identificar e diferenciar os diversos tipos e causas da indisciplina. Furlani (1995) foca na questão dos diversos tipos de autoridade x autoritarismo do professor. Esse autor adota um ponto de vista em que determinadas ações do professor acarretam no agravamento da indisciplina dos alunos em sala de aula. Freire (1996) vê a importância de uma boa relação entre professor e aluno para melhorar o desempenho do primeiro, evitando problemas em sala de aula.

Este estudo está organizado em quatro partes.

O objetivo da primeira seção é apresentar as idéias de autores que discutem sobre a indisciplina em sala de aula. Para uma discussão mais completa do assunto também há colocações sobre a formação e o pensamento do professor, montando um conjunto de como todos esses fatores estão interligados.

O objetivo da segunda seção é mostrar como todo o trabalho foi desenvolvido. Apresentando mais detalhadamente o seu desenvolvimento, como ocorreu a coleta de dados e como ela foi utilizada.

O objetivo da terceira seção é analisar os dados obtidos nas entrevistas realizadas por meio das idéias dos autores discutidas na primeira seção.

O objetivo da quarta seção é apresentar as considerações finais abordando algumas questões relevantes presentes nos momentos anteriores.

I. Indisciplina e o Professor

1.1 O que é indisciplina e disciplina

A indisciplina é hoje uma das principais problemáticas vivenciadas no interior da escola e é discutida por muitos autores.

Para Vasconcelos (2001), é uma reação dos alunos decorrente do uso incorreto e do abuso da autoridade e superioridade do professor em relação à sala. Essa reação muitas vezes é apenas o silêncio dos alunos, mas também pode ser demonstrada por uma agressividade e rispidez que desafiam e testam os limites do professor. Em alguns casos, brincadeiras brutas, de caráter agressivo podem ser consideradas agressivas sem o serem, uma vez que o ato agressivo não envolve intenção de causar dano ao outro.

Segundo Aquino (1996), a indisciplina é o pesadelo da maioria dos professores. Ela está sempre relacionada à agitação, a confusão e barulhos, ou seja, está ligada a uma ação que causa algum tipo de transtorno na aula e ao desvio comportamental do discente. Ela deve ser controlada imediatamente pelo professor para evitar que se transforme uma desordem geral da sala.

A disciplina dentro da sala de aula é essencial para ocorrer a harmonia necessária para que o indivíduo possa utilizar todo o seu potencial para organizar suas idéias e pensamentos (VASCONCELOS, 2001).

Segundo Aquino (1996), os professores definem disciplina como o comportamento apresentado pelos bons alunos que realizam todos os deveres de casa, que

prestam atenção na aula participando da atividade proposta e que não se deixam influenciar pelo tumulto causado pelos outros alunos indisciplinados. Esses alunos considerados disciplinados sempre são mais valorizados pelo docente.

Esse bom comportamento, de certa forma, está associado aos limites que o professor considera corretos. La Taille (2001), explica que existem duas maneiras de enxergar os limites. Uma delas é vê-lo como um obstáculo a ser vencido, transposto, outra é vê-lo de forma mais negativa, como uma barreira que não deve ser ultrapassada. De fato, La Taille (2001) diz que, existem situações em que o limite deve ser visto como uma barreira, como é no caso das regras, que são criadas para favorecer o convívio social, para impor limites que impedem que um indivíduo prejudique o outro.

No caso da sala de aula, o limite é importante para manter a ordem e evitar conflitos entre os alunos; são as regras, os limites citados anteriormente em forma de barreiras que não devem ser transpostas e, o bom aluno, como dito anteriormente, seria, para muitos professores, aquele que cumpre as regras estipuladas. No entanto, essas regras antes de construídas deveriam ser discutidas e não deveriam privar o aluno da participação, pois como diz Furlani (1998), para construir o conhecimento o aluno deve ter liberdade de se expressar e participar.

Segundo Aquino (2003), uma falha na comunicação entre professor e aluno sobre quais são essas regras e como elas devem ser seguidas pode gerar indisciplina. É questionado o porquê das infrações quando as regras são bem discutidas e bem compreendidas.

Os limites também estão diretamente ligados ao conhecimento, o professor deve mostrar aos alunos que existem mais informações além daquilo que eles conhecem e, segundo La Taille (2001), deve incentivar os alunos a transpor o limite de seus conhecimentos.

A discussão de limites leva ao problema de transferência de responsabilidades entre pais e escola. Para Vasconcelos (2001), atualmente muitos pais optam por uma educação mais permissiva em contraposição a educação autoritária que tiveram, resultando em crianças e adolescentes sem limites. Já outros pais, cada vez mais ocupados, dão prioridade ao trabalho, depois a si mesmos e depois então à educação de seus filhos, sendo que muitos pensam que a escola tem a obrigação de educar já que estão pagando por esta educação.

A escola, por sua vez, culpa os pais pela má criação dos alunos, ignorando que a indisciplina pode ocorrer devido à falta de interesse e motivação do aluno (FREIRE, 1996). Alguns educadores rotulam os alunos como problemáticos, desajustados transpondo assim a culpa da indisciplina para qualquer outro fator independente da escola (VASCONCELOS, 2001).

1.2. Autoridade e autoritarismo

Para impor limites o professor deve usar sua autoridade, no entanto, muitas vezes o conceito de autoridade é entendido erroneamente, é visto como algo que impede a autonomia. Segundo Aquino (1999), autoridade também inclui permissão, tolerância, consentimento, enquanto a autonomia inclui liberdade, emancipação e conquista. Os dois conceitos podem coexistir, não são antagônicos como muitos imaginam.

Outra confusão relacionada ao conceito de autoridade é aquela ligada ao autoritarismo. Segundo Novais (2004), algumas escolas atuam como se o exercício da autoridade fosse o mesmo que ser autoritário, diminuindo ou excluindo totalmente o direito do aluno de se expressar diante dos acontecimentos do cotidiano escolar.

Essa confusão ocorre, em parte, porque a educação foi, por muito tempo, exercida pela igreja e por militares tendo, nessa época, caráter autoritário. Nessa forma de educação o discente obedece ao professor não por respeito a ele ou à sua autoridade, e sim pela falta de opção, uma vez que o modelo de autoridade autoritária se caracteriza pela ausência de diálogo. Isso gera um ciclo vicioso, pois o aluno que não respeita o professor age de maneira indisciplinada e, para controlar isso, o professor atua com mais autoridade, piorando cada vez mais a situação (FURLANI, 2000).

Para Vasconcelos (2001), o professor deve exercer sua autoridade em diversos domínios. Sendo eles o intelectual, no qual o professor deve demonstrar inteligência ao tratar com a realidade; o ético, no qual o professor deve agir de forma coerente com os seus princípios; o profissional, no qual o professor deve dominar a matéria e a metodologia utilizadas e, por fim, o humano, no qual o professor deve perceber e respeitar o aluno. Essa maneira de ver a autoridade demonstra a grande diferença entre ela e o autoritarismo, já que, por exemplo, nela o professor deve respeitar o aluno e isso inclui também as opiniões do mesmo, o que não existe no autoritarismo.

O professor deve usar sua autoridade para impor limites e controlar a sala. No entanto, quando mal utilizada pode gerar indisciplina, como quando, por exemplo, é baseada na posição hierárquica, acentuando a desigualdade social e escolar existente entre professor e

aluno. Nesse modelo de autoridade, o aluno não tem voz na aula, o desenvolvimento de sua crítica não é estimulado e o aluno exemplar é aquele que aceita tudo o que o professor diz, sem questionamentos, apresentando comportamentos de dependência ao professor (FURLANI, 1995).

Além disso, os limites impostos variam de acordo com a hora, o lugar e as pessoas envolvidas, então, um mesmo grupo de alunos, tendo professores diferentes, pode reagir de forma variada (VASCONCELOS, 2001).

Segundo Aquino (2003), o ato da indisciplina está muitas vezes ligado a uma agressividade dirigida contra pessoas que representam autoridade. Essa agressividade é provocada pela desestruturação do âmbito familiar, como a separação de casais, falta de uma supervisão efetiva das tarefas escolares e a falta de limites em que essas crianças e jovens foram criados.

Após essa discussão sobre a conceituação de indisciplina entendemos que é preciso também discutir a influência que a formação dos professores teria sobre sua prática e sobre seu pensamento como profissional.

1.3. Formação de Professores

Em um breve histórico da profissão docente, Nóvoa (1995) discorre sobre o fato de que, inicialmente, essa profissão era uma ocupação secundária de religiosos ou leigos. Posteriormente, houve uma organização maior, transferindo o controle sobre a organização da

profissão da Igreja para o Estado e, a partir do século XVIII, os professores precisavam de uma licença ou autorização do Estado para atuar.

Segundo Esteve (1995), antigamente o professor, principalmente o de ensino secundário com formação universitária, possuía grande status social e cultural. No entanto, atualmente a profissão passa por crises que envolvem a desmotivação do docente, em parte devido à falta de prestígio da profissão, a “queda do status”. Para Sacristán (1995) o status dos professores varia de acordo com a sociedade e o contexto.

Segundo Cavaco (1995), a sociedade atual está em um momento de mudança, no qual a imagem, a aparência, o isolamento, as relações imediatas e superficiais e as posses são valorizadas.

Essa valorização de posses e boa imagem fica evidente no pensamento de alguns pais que acreditam que só se torna professor aquele que não consegue um emprego melhor, que não tem capacidade para isso. Sucesso profissional está associado exclusivamente ao retorno financeiro (ESTEVE, 1995).

Além da desvalorização resultante do salário do professor, também contribui para a falta de motivação do profissional o fato de seu sucesso ser pouco reconhecido. Quando o aluno é bem sucedido na matéria é parabenizado pelo seu estudo, a participação do professor no processo da aprendizagem é desconsiderada, no entanto, quando o aluno não tem o desempenho esperado a culpa, na maioria das vezes, cai sobre o professor (ESTEVE, 1995).

Outra mudança da sociedade atual é que o número de mulheres trabalhando aumentou, conseqüentemente, o tempo das mesmas com a família foi reduzido, em alguns casos isso pode causar falhas na educação das crianças, falhas que a família espera que sejam resolvidas na escola (ESTEVE, 1995). Isso retoma a discussão de troca de responsabilidades entre os pais e a escola, a falta de limites em casa que leva a falta de limites na escola e, portanto, a atos indisciplinados. Os pais passam para o professor a responsabilidade de, além de ensinar, suprir parte da educação básica, que o aluno deveria receber em casa (VASCONCELOS, 2001).

No entanto, apesar das transformações na sociedade, o processo de formação de professores não sofreu grandes mudanças, deixando-os despreparados para atender as novas expectativas. Para Nóvoa (1995), uma mudança importante na formação dos professores é acabar com a separação de modelos acadêmicos e modelos práticos. Sendo os acadêmicos aqueles centrados em conhecimento, em conteúdo e os práticos aqueles voltados para a metodologia de ensino, isso possibilitaria a formação de professores menos técnicos, capazes de criar e não apenas de reproduzir.

Já Esteve (1995), discorre sobre mudanças no processo de formação inicial para diminuir o problema, sendo uma delas modificar a abordagem normativa para abordagem descritiva na formação inicial. As abordagens descritivas consideram que o sucesso do professor depende de um conjunto de acontecimentos que influenciam a relação professor-aluno. Nesse caso, a culpa de fracassos não é exclusiva do professor, é uma falha no processo, não em sua personalidade como alguns acabam acreditando.

Woods (1995), critica a falta de incentivo à criatividade durante a formação do professor. Essa criatividade seria aparente na maneira que o professor trata assuntos cotidianos da sala de aula, entre eles assuntos ligados a atos indisciplinados, ou ainda, no planejamento das aulas, propondo trabalhos diferenciados. Sendo que a variedade das aulas pode contribuir para aumentar o interesse dos alunos, possivelmente diminuindo a indisciplina.

Falsarella (2004), discorre sobre a formação continuada como uma proposta que objetiva a mudança do professor por meio de um processo reflexivo, crítico e criativo, portanto, essa formação deveria motivar o docente a analisar sua própria prática, produzir conhecimento e intervir na realidade. Além disso, fala sobre a valorização dos acontecimentos no cotidiano da prática docente e considera a experiência do professor nesse tipo de formação.

Altet (2001), fala que os professores acreditam que a formação profissional é pessoal, construída através de experiências adquiridas na prática do docente e análise das mesmas. Essa análise é feita devido à reflexão do professor junto a um tutor ou professor com nível profissional semelhante.

Finalizando, os processos de formação deveriam centrar-se no desenvolvimento da profissionalidade dos professores, ou seja, naquilo que é específico na ação do docente. Nos comportamentos, conhecimentos, atitudes e valores que caracterizam o trabalho do professor, mas que são sempre contextualizados e em constante mudança (SACRISTAN, 1995).

Porém, existem problemas. Saviani (2006) discute os empecilhos para o professor procurar programas de formação, como o citado acima, para aperfeiçoar sua prática. As dificuldades acontecem por causa dos problemas relacionados às condições de trabalho, como o salário e a jornada de trabalho. Essas condições desestimulam o professor a procurar formas de se dedicar mais à sua formação.

1.4. O Pensamento do Professor

Como defendido anteriormente por Aquino (1996) e também por Vasconcelos (2001), a indisciplina é o pesadelo de muitos professores, estando comumente relacionada a agitação e o barulho, mas também o silêncio pode caracterizá-la. Ela causa transtornos a aula e deve ser controlada pelo docente imediatamente para não agravar a situação e ter uma desordem generalizada na sala.

A indisciplina é um assunto que sempre está envolvido em múltiplas interpretações, além de sua complexidade em definições e classificações, um dos principais problemas ao se tratar deste assunto é que alguns professores não se interessam em discutir, pensar e achar um meio adequado para resolver ou ao menos amenizar o problema em sala de aula.

A análise da própria prática docente, assim como a sua interpretação, é de suma importância para o aprendizado dos professores, pois nesta profissão é o próprio exercício por meio da prática que leva a construção de um conhecimento específico, pois este tipo de conhecimento é pessoal, não sistemático e está sempre sujeito a mudanças, sendo adquirido por meio de tentativas. (SCHÖN *apud* GARCIA, 1997).

Há duas grandes frentes que investigam as inovações recentes da prática docente e da formação dos professores, elas se encaixam na concepção de ensino como ciência aplicada ou como a prática reflexiva. A primeira defende que os problemas da prática podem ser solucionados por meio da aplicação de teorias derivadas da investigação acadêmica. Os autores que defendem essa idéia, como David Berliner, afirmam que uma base de investigação bem estruturada permite reformular inteiramente os programas de formação de professores, inclusive da prática. A segunda concepção defende que os professores devem usar o seu ensino como forma de investigação para mudanças na prática, ou seja, nela a formação de professores deve estimular e apoiar que as próprias práticas dos docentes sejam usadas como pesquisas para tal finalidade (ZEICHNER, 1997).

Entre outros, Schön (1997) e Zeichner (1997) são partidários da segunda concepção, a prática reflexiva. Argumentam que a investigação da prática baseada na perspectiva do ensino como ciência aplicada é imprópria quando há situações de confusão e de incerteza que os docentes têm na execução das suas atividades.

Segundo Ross e Hanay (*apud* GARCIA, 1997), há um aspecto importantíssimo a ser trabalhado com os docentes em exercício e os que estão em formação. É o princípio da indagação-reflexão. Esta estratégia faz os professores refletirem e analisarem sobre os problemas da prática de ensino, considerando as causas e consequências da conduta adotada pelo professor, fazendo com que ele supere suas limitações didáticas e também da própria aula. Essa consciência por parte do professor é muito importante para a sua prática docente.

O conceito de reflexão é atualmente um dos mais utilizados para se referir as novas tendências para a formação de professores, sendo que este conceito é encontrado na

maioria das referências sobre a área como o elemento central do tema. Justamente por isso surgiram vários termos para sua definição, tais como prática reflexiva, formação de professor orientada para a indagação (Elliot), professor adaptativo (Hunt), professores como sujeitos que colocam hipóteses (Coladarci) (Tom, *apud* GARCIA, 1997).

O professor reflexivo deve sempre encorajar e reconhecer, dar valor mesmo as confusões que seus alunos apresentam no decorrer do processo de construção do conhecimento, assim como a sua própria confusão. Aquele que não fica confuso, que não se questiona - pois é isso que as confusões e o posterior reconhecimento delas permite, os questionamentos – não poderá reconhecer o problema que precisa de explicação. Não há aprendizagem sem ficar confuso (SCHÖN, 1997).

O professor reflexivo está em contínua reflexão, está sempre progredindo na profissão e continua refletindo sobre sua prática mesmo quando não está enfrentando dificuldades, ele torna reflexão um hábito. Essa reflexão possibilita a construção de novos conhecimentos que são diretamente aplicados na ação. Este profissional está sempre revendo seus saberes, objetivos e procedimentos através de perguntas para compreender seus fracassos e determinar suas expectativas (PERRENOUD, 2002).

Para haver a prática reflexiva, segundo Garcia (1997), há três tipos de atitudes que são necessárias para o ensino reflexivo: a mentalidade aberta, a responsabilidade e o entusiasmo. Diversos autores têm trabalhado nesta definição, porém John Dewey é um colaborador de destaque nesta área, sendo utilizado como referência para descrever tais definições. Essas atitudes compõem objetivos a serem alcançados na formação de professores possibilitando a construção de um pensamento e prática reflexivos.

A primeira delas é a mentalidade aberta. Ela permite que os professores prestem atenção às alternativas possíveis, refletindo sobre a maneira que podem aprimorar o que já existe. A segunda atitude fundamental é a responsabilidade, especialmente a responsabilidade intelectual, em que o professor busca as finalidades educativas e éticas da sua própria conduta docente. A terceira e última é o entusiasmo, nela o profissional se predispõe para encarar a atividade com energia e curiosidade combatendo a rotina (GARCIA, 1997).

Além das já citadas atitudes para uma prática reflexiva, há também outros elementos para que ela se consolide de fato. Segundo Schön (1997), a prática reflexiva não depende apenas do docente ouvir seus alunos e refletir sobre o que aprende. A instituição, ou seja, a escola deve permitir e criar um ambiente tranquilo para os professores poderem exercer essa prática reflexiva. Os docentes devem aprender a ouvir seus alunos e a fazer da escola um lugar no qual seja possível ouvir e compreender seus alunos.

Além disso, há também três níveis diferentes de reflexão. O primeiro nível refere-se a análise das ações explícitas, ou seja, o que o professor faz e que pode ser observado, como por exemplo, o seu andar em sala de aula. O segundo nível refere-se ao planejamento e a reflexão, ou seja, o planejamento, pelo docente, do que irá fazer e a sua posterior reflexão sobre o que foi feito e sobre o seu conhecimento prático. E o terceiro e último nível refere-se as considerações éticas, portanto é a análise ética ou política da própria prática (GARCIA, 1997).

Segundo Garcia (1997), há também quatro formas de reflexão, defendidas por Weis e Louden, que podem ocorrer separada ou concomitantemente ao pensamento reflexivo

e a ação. A primeira é a introspecção, uma reflexão pessoal em que o docente revê seus pensamentos e sentimentos de um ponto de vista distante relativo à atividade diária. A partir dessa prática obtêm-se respostas referentes aos princípios de procedimento. A segunda forma é o exame, em que o professor faz referência a acontecimentos que ocorreram ou que podem ocorrer. Por esta prática exigir uma referência a acontecimentos passados, presentes ou futuros da vida escolar do docente, este tipo de reflexão está mais próximo da ação. A terceira forma é a indagação. Ela possibilita que os professores analisem a sua prática buscando estratégias para melhorá-las construindo então um compromisso de alteração e aperfeiçoamento da prática. A quarta e última forma é a espontaneidade, esta é a que mais se aproxima da prática. Ela refere-se ao pensamento do professor durante o ato de ensino, possibilitando a eles improvisar e resolver problemas na sala de aula.

Para Schön (1997), o professor deve ser curioso, ouvir e prestar atenção no aluno, tendo a noção do seu grau de compreensão e das suas dificuldades, atuando como uma espécie de detetive que busca descobrir os motivos que levam o aluno a dizer ou agir de determinada maneira. Este tipo de ensino é uma forma de reflexão na ação, exigindo do docente uma disposição de individualizar, ou seja, de focar sua atenção a um aluno dentro de uma sala com trinta deles.

Segundo Zeichner (1997), deve-se considerar o contexto político e estrutural do momento para uma melhora da prática pedagógica na formação de professores. Um outro fator que influencia a formação de professores é o fato de que os docentes ficam isolados em pequenas comunidades formadas por colegas que têm as mesmas orientações que eles e isso empobrece o debate e as interações sobre questões referentes à formação.

Para Zeichner (1997), apesar de todos os aspectos positivos dessa concepção, ela tem também algumas limitações, pois a compreensão que os professores têm de si próprios sofre influência das condições sociais e institucionais e quando elas são ignoradas há problemas, como por exemplo, validar práticas que deveriam ser mudadas.

Um outro fator importante para a prática reflexiva defendida por Perrenoud (2002) é que a reflexão ocasional não conduz necessariamente a uma verdadeira tomada de consciência nem a modificações. Cada pessoa reflete espontaneamente sobre a sua prática, mas isso não o transforma em um profissional reflexivo.

Para Perrenoud (2002), esta prática é importante ser abordada tanto na formação inicial, como na contínua. O currículo de formação inicial deve reservar espaço para a resolução de problemas com a aprendizagem prática de reflexão profissional, deixando de dar unicamente saberes disciplinares e metodológicos. Já na formação continuada isso também deveria acontecer, ou seja, encaminhar para uma prática reflexiva ao invés de basear-se em atualizações dos saberes disciplinares e didáticos.

1.5. Como o professor se relaciona com a indisciplina na sala de aula

Para Freire (1996), uma maneira de se aproximar mais de seus alunos, fazendo com que estes tenham um maior interesse pela aula e, portanto, sejam mais disciplinados é o professor também mostrar interesse pelo seu aluno, mostrando que se preocupa com ele e com a sua educação.

A falta de motivação dos alunos quando estes se vêem obrigados a estar na sala de aula, sem compreenderem o porquê estão aprendendo aquilo ou qual a utilidade dos conteúdos ensinados, é um provável produtor de situações de indisciplina. Para isso, a forma como os professores organizam as atividades em sala de aula provocam efeitos diretos na motivação dos discentes. Atividades muito competitivas afetam negativamente, pois sempre há perdedores ao seu término, desmotivando os alunos. Aluno motivado foca sua atenção e ação à atividade proposta, não restando tempo para se envolverem em atos indisciplinados (EDUCAR, 2008).

Uma outra maneira de motivar os alunos, segundo Freire (1996), é através da tecnologia, que tem um grande potencial para estimular a curiosidade e motivar os educandos, atraindo a atenção dos alunos e despertando o seu interesse. Já que o ensino exige despertar a curiosidade dos alunos para que eles tenham uma maior motivação e aprendizagem do conteúdo ensinado.

Segundo Furlani (1998), para ser professor e ter autoridade sobre os alunos é preciso dominar a teoria e a prática do assunto que será tratado em sala e é preciso também aceitar a diferença entre si mesmo e os alunos e entre os alunos, assim como os alunos também devem aceitar essas diferenças.

Existem diversas maneiras de expressar essa autoridade que o professor tem sobre os alunos. Alguns professores optam pelo excesso de autoridade. Freire (2007) acredita que esse tipo de autoridade em que o professor se distancia do aluno e atua de maneira severa não garante um bom desempenho da sala, para ele o professor pode ter um bom desempenho caso tenha uma relação afetiva com os alunos, sem favorecer nenhum aluno em especial.

Aquino (2003) também questiona o poder repressivo, indagando se caso tudo fosse proibido as regras seriam seguidas e cita ainda que o que faz com que o poder seja mantido e aceito é que este “produz coisas, induz o prazer”, então não deve ser visto apenas como algo que proíbe.

Outro fator importante na relação entre o professor e a indisciplina, mais especificamente em escolas particulares, é o de ameaça. Segundo Vasconcelos (2001), atualmente, em escolas particulares, o aluno tem em mãos o poder de prejudicar o trabalho do professor, ou seja, se o discente está insatisfeito com o professor pode se juntar a outros alunos ou reclamar com os pais e garantir a demissão do mesmo. Sendo que o problema que o aluno tem com o professor pode, muitas vezes, ser de caráter pessoal, não necessariamente devido a uma deficiência profissional do docente. Isso pode fazer com que o professor conceda as vontades do aluno para evitar conflitos.

A seguir, será apresentada a metodologia deste trabalho para que, em seguida, seja possível analisar os dados de acordo com os temas discutidos nesse referencial.

II. Metodologia

Para compreender as considerações de um grupo de professores do ensino médio sobre a indisciplina, primeiro foi preciso selecionar esse grupo de professores.

O grupo consiste em seis professores, sendo um de História, um de Geografia, um de Matemática, um de Física e dois de Biologia, todos docentes da mesma escola.

Essa é uma escola particular localizada na Zona Sul de São Paulo. Possui uma unidade apenas para o ensino médio, embora esteja presente desde a educação infantil. Os alunos que frequentam a escola são de classe média e classe média-alta.

A coleta de dados foi feita apenas em uma escola porque esse trabalho não tem como objetivo comparar diferentes escolas e seu funcionamento pretende compreender como o grupo selecionado se relaciona com a indisciplina.

A metodologia utilizada para a coleta foi qualitativa. Já que se tratava de um pequeno grupo, a característica desse tipo de pesquisa que, segundo André (1986), inclui a consideração dos diferentes pontos de vista dos envolvidos, o que possibilita a captura de sua perspectiva, era a mais apropriada para a situação, uma vez que trata-se das considerações do grupo em questão.

Portanto, para entender a relação do grupo selecionado com a indisciplina, realizou-se uma entrevista estruturada com 12 questões. Foi escolhido esse tipo de entrevista

pela clareza dos resultados obtidos pelo padrão de questões. Seguem abaixo as perguntas referentes à entrevista:

- 1- Qual é a sua formação?
- 2 - Por que você escolheu dar aula no ensino médio?
- 3 - Qual o seu tempo de docência?
- 4 - Em quantas escolas você trabalha?
- 5 - Você trabalha com alguma coisa fora da escola?
- 6 - O que você considera indisciplina?
- 7- Como você lida com a indisciplina em sala de aula?
- 8 - A indisciplina já atrapalhou sua aula a ponto de mudar o rumo da mesma?
- 9 - A escola permite que você lide com a indisciplina como preferir?
- 10 - Você percebe alguma particularidade na sua área que causa mais ou menos indisciplina em sala de aula? Por quê?
- 11 - Quem você considera que é o principal gerador da indisciplina? Por quê?
- 12 - Você já fez algum curso de aperfeiçoamento profissional? Considera isso importante?

A entrevista foi feita com cada um dos professores separadamente e aconteceu uma conversa entre os professores de Matemática e Geografia a respeito da entrevista, sendo os dados dessa conversa anotados pela observadora, no entanto estes não foram gravados, pois isso tiraria parte da espontaneidade da conversa. As entrevistas, por outro lado, foram todas gravadas e transcritas, essas transcrições estão disponíveis no ANEXO I.

As cinco primeiras questões da entrevista acima têm como objetivo formar um breve perfil do professor, verificar o que o levou à docência, se está satisfeito com seu trabalho e examinar se este se sente sobrecarregado com o mesmo.

A questão seis tem como objetivo verificar o que cada um dos entrevistados entende como indisciplina e analisar se os professores são ou não reflexivos.

As questões sete e oito complementam a questão seis, através delas é possível compreender melhor o que o professor considera indisciplina, já que o modo como ele lida com a indisciplina também está relacionado com sua concepção do que é indisciplina, afinal para explicar como ele lida com a indisciplina é preciso explicar o que ele considera indisciplina.

As questões nove e onze verificam a influência que fatores externos à sala de aula têm sobre a indisciplina. No caso da questão nove, está relacionado à escola, que interfere na atuação do professor. Já a questão onze, verifica a influência de fatores como a sociedade, família, no entanto pode também estar relacionada a fatores internos à sala de aula, dependendo do que o professor entende por indisciplina, portanto esta questão também está relacionada à questão seis.

A questão dez verifica possíveis diferenças ou semelhanças entre as diferentes áreas tratadas no ensino médio (Humanas, Exatas, Biológicas).

Por fim, a questão doze verifica o envolvimento do professor com a sua profissão e a sua disposição a mudanças, essa questão complementa o perfil do professor.

Outro detalhe importante sobre a coleta de dados é a entrevista com um professor recém-formado, intitulado como professor G. A entrevista seria, inicialmente, um teste para verificar se as questões atendiam os objetivos desejados, no entanto o resultado foi muito interessante e será utilizado no trabalho. Por ser um caso específico, no qual o professor em questão está ingressando agora na carreira docente, as perguntas 5, 6, 7, 8 e 9 sofreram as seguintes mudanças:

5- Você faz alguma coisa fora os estágios?

7- Como você lidaria com a indisciplina em sala de aula?

8- A indisciplina já atrapalhou alguma aula que você acompanhou ou ministrou a ponto de mudar o rumo da mesma?

9- A escola que você estava acompanhando deixava o professor lidar com a indisciplina como ele preferia?

As sete entrevistas realizadas foram transcritas literalmente para uma melhor compreensão e análise dos resultados. Seguem também algumas tabelas para uma melhor visualização desses resultados, que estão separados em categorias conforme as respostas dos entrevistados.

Apresentaremos os resultados e sua posterior análise logo em seguida separadamente por grandes temas que serão: 1 - o que é indisciplina para esse grupo de professores; 2 - como lidam com a indisciplina em sala de aula; 3 - quais os geradores da indisciplina; 4 - particularidades da área de cada professor que causam mais ou menos indisciplina; 5 - mudanças que a indisciplina já causou na aula; e 6 - a importância dos cursos

de aperfeiçoamento profissional e conseqüente realização destes. Sendo que a transcrição completa das entrevistas pode ser conferida no Anexo I deste trabalho.

III. Análise de Dados

Na análise de dados serão abordados os trechos das entrevistas realizadas, conforme foi explicado na metodologia, e para analisá-las será utilizado como base o referencial teórico apresentado no início deste trabalho. Com isso serão analisadas as respostas dos professores entrevistados sobre cada um dos grandes temas, com tabelas ilustrando tal análise.

3.1. O que é indisciplina para este grupo de professores

Como já foi visto anteriormente, a indisciplina tem múltiplas definições com muitos fatores que interferem nela. Isso, inclusive, confunde professores na hora de descrevê-la, porém está comumente relacionada a fatores que atrapalham. Como diz Aquino (1997), ela é um problema que incomoda todos os professores. A seguir apresentaremos as principais idéias dos professores sobre o que eles consideram indisciplina. Para explicar o que entendem por indisciplina, os professores citaram comportamentos indesejados dos alunos.

A falta de limites e/ou o rompimento dos limites pré-estabelecidos foram considerados pelos professores D, F e G como indisciplina. Para La Taille (2001), uma das maneiras de enxergar os limites é vê-lo como um obstáculo a ser transposto, porém as regras que são criadas para favorecer o convívio social são limites em forma de barreiras que não devem ser ultrapassados. O professor D diz que “[...] falta de limites tanto em casa e aí o aluno trás para dentro da sala de aula [...]”. Vasconcelos (2001), a falta de limites em casa leva a atos indisciplinados na sala de aula, pois muitos pais passam essa responsabilidade de educação básica exclusivamente para a escola, porém muitas vezes a escola e professores

culpam unicamente a família por isso, esquecendo que a falta de motivação do aluno também pode ocasionar tal atitude (FREIRE, 1996). O professor F aponta outra explicação para este rompimento de limites “[...] o aluno, do ensino médio, é natural, que ele queira romper limites [...]” e segundo Aberastury (*apud* SILVEIRA, 2003) essa atitude é típica dos adolescentes, já que estes se encontram na fase de contestação e de mudanças.

Os professores C, F e G consideram que a indisciplina é falta de respeito. Para o professor F “[...] no momento em que essas tentativas de rompimento se transformam em desrespeito [...] isso acho que configura efetivamente a indisciplina mais séria [...]”, pois no caso da sala de aula, as regras são importantes para evitar conflitos e os professores consideram bons alunos aqueles que a obedecem, que respeitam esses limites (FURLANI, 1998). A falta de respeito é, portanto, um rompimento com limites, rompimento de regras o que unifica o pensamento dos professores C, D, F e G.

A conversa paralela é apontada pelo professor A como indisciplina. Juntamente com ela podemos agrupar mais dois apontamentos também feitos pelo professor A, que além da conversa paralela considera indisciplina a não realização de atividades e quando o aluno atrapalha a aula como pode ser conferido neste trecho da entrevista “[...] Indisciplina é quando você está explicando algo e o aluno está conversando [...]”. Segundo Aquino (1996), a indisciplina está relacionada a agitação, a uma ação que atrapalhe a aula, sendo os alunos disciplinados aqueles que realizam todas as atividades e prestam atenção na aula. Estes são normalmente mais valorizados pelo docente.

O desinteresse pelo conteúdo, ou seja, pela aula, é apontado pelo professor E como indisciplina “[...] é quando acontece de os alunos acharem que tem coisas mais interessantes para fazer do que na própria aula [...]”. No Educar (2008), a falta de motivação

junto com o desconhecimento da utilidade do conteúdo ensinado levam a atos de indisciplina na aula, pois os alunos não conseguem entender claramente o porquê de estarem aprendendo tal conteúdo.

Além desses apontamentos, o professor B considera que a indisciplina é um conjunto de fatores não apresentando uma definição única. Para Vasconcelos (2001), a indisciplina está envolvida em diferentes interpretações, sendo um dos motivos a complexidade que há em suas definições que muitas vezes podem ser completamente opostas. Vasconcelos (2001), defende que indisciplina pode ser apenas o silêncio de um aluno, mas também pode ser apresentada como agressividade. Já Aquino (1996), diz que indisciplina está principalmente ligada a agitação, barulho, desordem da sala. E essas diferentes definições, juntamente com o fato de que muitos professores não se interessam em discutir tal assunto para amenizar o problema em sala de aula tornam a indisciplina tão complexa de ser analisada e identificada.

O professor A apresenta mais de uma resposta, “conversa paralela”, “não realização das atividades” e “quando o aluno atrapalha a aula”. Esses apontamentos estão relacionados a atitudes causadas pela falta de interesse do aluno, portanto, podemos relacionar sua resposta com a do professor E.

Os resultados podem ser melhor visualizados conforme a tabela 1 mostrando categorizadamente o que cada professor considera como indisciplina, alguns apresentando mais de uma resposta.

Tabela 1 – O que este grupo de professores considera indisciplina

	A	B	C	D	E	F	G
Falta de/romper limites				X		X	X
Falta de respeito			X			X	X
Conversa paralela	X						
Não realização das atividades	X						
Desinteresse pelo conteúdo					X		
Não tem definição		X					
Quando aluno atrapalha a aula	X						
Conjunto de atitudes		X					

3.2. Como lidar com a indisciplina em sala de aula

Para Aquino (1996), a indisciplina é o pesadelo da maioria dos professores. Esses procuram controlá-la imediatamente para evitar que a indisciplina causada por um aluno torne-se uma desordem geral da sala. Portanto, para manter a ordem em sala e, conseqüentemente, propiciar aos alunos um bom ambiente de trabalho os professores utilizam de procedimentos diversos para conter a balbúrdia.

Ao analisar a tabela 2, é possível perceber que o procedimento mais utilizado pelos professores entrevistados para lidar com a indisciplina é retirar o aluno da sala, no entanto os professores que deram essa resposta (A, C e F) dizem que só o fazem em casos extremos. Fato observado na fala do professor A; “A gente busca várias estratégias possíveis e que acaba sendo aquela mais conhecida que é justamente chamar a atenção, entendeu? Num primeiro momento chamo a atenção, procuro não colocar para fora, só em último caso que eu coloco para fora e levo para a direção, quando é gravíssimo, caso contrário não [...] busco a pessoa uma, duas, três vezes chamando a atenção. E como eu falei só no último caso que eu vou colocar para fora.”. Para esse professor um caso gravíssimo seria “quando tem desrespeito com o professor ou quando tem desrespeito entre eles”.

Tabela 2 – Como os professores lidam com a indisciplina

	A	B	C	D	E	F	G
Chamar a atenção do aluno	X						
Retirar o aluno da sala	X		X			X	
Levar aluno para a coordenação	X						
Mudar a atividade proposta						X	
Mudar estratégia de aula							X
Brincar com os alunos		X					
Estabelecer limites		X		X			
Motivar alunos		X					
Resolver o problema dentro da própria sala de aula						X	
Planejamento de aula					X		
Conversar com os alunos						X	X
Rever a própria prática docente							X
Conversar com familiares do aluno							X
Ser rígido			X				

Essa atitude de retirar o aluno de sala de aula, nas circunstâncias descritas, em que o professor conversa com o aluno primeiro, dá avisos mais de uma vez, não é uma atitude autoritária, pois há um diálogo entre o aluno e o professor e, segundo Novais (2004), uma atitude autoritária, diminuiria ou excluiria totalmente o direito do aluno de se expressar.

Em seguida, a resposta “estabelecer limites” é a que aparece em maior quantidade, junto com “conversar com os alunos”. A primeira diz respeito aos professores B e D. O professor B fala sobre a clareza dos limites “na hora que você deixa limites claros. Que você, realmente, mostra pra eles aonde, até onde vai o seu limite. Eu acho que eles te respeitam e que eles conseguem tranquilamente serem alunos disciplinados”. Para Aquino (2003), uma falha na comunicação entre professor e aluno sobre regras e como elas devem ser seguidas pode gerar indisciplina, portanto a comunicação e a clareza dos limites que, nesse caso, seriam as regras, contribuem para manter a disciplina. O professor C fala sobre rigidez, isso está relacionado à manutenção desses limites, no entanto, a rigidez deve ser bem pensada,

uma vez que o excesso de autoridade pode causar um distanciamento entre o aluno e o professor, não garantindo um bom desempenho da sala (FREIRE, 2007).

Já a segunda resposta “conversar com os alunos”, diz respeito aos professores F e G. O professor G deixa claro que primeiro tenta entender a causa da indisciplina “[...] primeiro eu vou querer saber [...] Porque que isso está acontecendo?” e acredita que conversar com o aluno é uma maneira de obter essa resposta “Poder conversar com o aluno. Saber porque ele está assim é o primeiro passo para qualquer tipo de atitude que eu for tomar”. Freire (1996), considera que o professor mostrar interesse pelo seu aluno, que se preocupa com ele e com sua educação, é uma maneira de manter o interesse do aluno na aula e, portanto, uma atitude que traz bons resultados em relação a indisciplina.

Algumas atitudes são bastante semelhantes, como “planejamento de aula”, “mudar estratégia de aula”, “mudar a atividade proposta” e “rever a própria prática docente”, porém apresentam diferenças importantes entre elas. As mudanças pontuais de atividade, estratégia e planejamento, não necessariamente implicam na revisão da prática docente. Segundo Garcia (1997), existem três níveis de reflexão, sendo que o terceiro e último deles refere-se às considerações éticas. É a análise ética ou política da própria prática. Esse nível está presente apenas na revisão da prática docente, citada pelo professor G. Esse professor fala sobre refletir a respeito do aluno achar ou não sua aula importante “[...] é óbvio, ele vai perder a noção de que essa aula é importante e vai parar de prestar atenção”.

A falta de interesse do aluno está relacionada à motivação do discente. O professor B coloca a variação das aulas e a motivação dos alunos como uma maneira de evitar a indisciplina “eu uso estratégias em sala de aula muito diferentes do que eu usava

antigamente. Acho que num sentido positivo na questão da disciplina. Vou te dar um exemplo: Eu trabalhar na biblioteca com eles. Trabalhar em grupo [...] assim eles se mobilizam”. Para esse professor, as mudanças em suas aulas estão relacionadas ao fato de “os alunos dos tempos de hoje. São alunos que têm um contato com a imagem muito grande, com outros meios de comunicação.”. Vasconcelos (2001) critica professores que não acompanham essas mudanças na sociedade, pois acabam distanciando sua metodologia do aluno.

O professor B coloca também brincadeiras com os alunos como uma maneira de controlar a indisciplina. Freire (2007) acredita que o professor pode ter um bom desempenho caso tenha uma relação afetiva com os alunos.

Por fim, o professor G coloca a conversa com familiares como uma estratégia de conter a indisciplina. “As vezes pode ser alguma coisa fora da escola que está levando a esse tipo de comportamento [...] em última instância procuraria os pais, se for algum problema de família, se for algum problema que esta criança possa ter que esteja além do limite do professor trabalhar e veria como eu posso resolver isso junto com os outros órgãos da escola”. Essa fala deixa clara a importância na comunicação e apoio entre o docente e a escola, nesse sentido, a escola deve permitir e criar um ambiente tranquilo para os professores poderem exercer uma prática reflexiva e fazer da escola um lugar no qual seja possível ouvir e compreender seus alunos (SCHÖN, 1997).

Também é possível verificar a importância dada à comunicação entre a escola e a família, afinal, segundo Aquino (2003), o ato da indisciplina está muitas vezes ligado a uma agressividade dirigida contra pessoas que representam autoridade que pode ser provocada pela desestruturação do âmbito familiar.

3.3. Quais os geradores da indisciplina para este grupo de professores

Já foi discutido que a indisciplina possui uma definição difícil justamente por ter diversos fatores que a influenciam, fatores externos e internos em relação a sala de aula. Fatores intrínsecos como falha na comunicação entre professor e aluno na estipulação das regras (AQUINO, 1996), autoritarismo do docente (FURLANI, 2000) e fatores extrínsecos como educação muito permissiva pelos pais (VASCONCELOS, 2001) e a desestruturação do ambiente familiar que o jovem se encontra (AQUINO, 1996).

O mau planejamento da aula ou a falta desse planejamento é apontado pelo professor E como principal gerador da indisciplina. Woods (1995) defende que o planejamento das aulas com propostas de atividades diferenciadas aumentam o interesse por parte do aluno e diminuem o aparecimento da indisciplina, porém a falta de incentivo a criatividade na formação de professores dificulta essa prática.

A falta de respeito do aluno é considerada pelo professor G como um dos geradores da indisciplina, inclusive a falta de respeito ao limite do outro. Quando é o professor que tem essa atitude “[...] eu gero uma indisciplina do professor. Eu estou impondo alguma coisa no aluno que tende ao autoritarismo [...]”. Segundo Vasconcelos (2001), um dos domínios em que o professor deve exercer sua autoridade é o humano, em que o docente deve perceber e respeitar o aluno e isso é uma grande diferença entre a autoridade e o autoritarismo, já que um dos domínios da autoridade é o professor respeitar e ouvir o aluno, o que não ocorre no autoritarismo.

A relação professor-aluno foi indicada pelos professores B, F e G como geradora da indisciplina. Para Furlani (1995), o professor pode gerar indisciplina quando usa sua autoridade baseada na posição hierárquica evidenciando a desigualdade escolar e social que existe entre professor e aluno para controlar a sala de aula. Ou como diz Freire (1996) quando o professor se distancia de seus alunos, atuando de maneira severa e com excessiva autoridade. Isso fica evidente na fala da professora B “[...] a sala de aula é um espaço coletivo, que não sou só eu que estou valendo nela, não pode haver preferência, diferenças entre aluno e professor que eu acho que abre nessa questão da autoridade [...]”. Esteve (1995) defende algumas mudanças no processo de formação inicial. Para ele o sucesso do professor depende de fatores que influenciam na relação professor-aluno, sendo que a culpa do fracasso escolar não pode ser atribuída apenas ao professor, mas sim a uma falha no processo.

O professor G fala da indisciplina do aluno como falta de interesse e respeito: “não é só uma questão de bagunça, não é só uma questão de berrar, por exemplo. Mas você estar falando para a pessoa e ela não estar te ouvindo, fazendo pouco caso do que você está falando é tão indisciplina quanto, porque ela não está respeitando o trabalho que você está fazendo”. Essa idéia é antagônica ao pensamento de Aquino (1996), que diz que ela está sempre relacionada à agitação, a confusão e barulhos.

Aulas tradicionais também foram apontadas como geradoras da indisciplina pelo professor A “[...] quando a aula cai no tradicional ela fica muito cansativa. E quando fica muito cansativa, gera indisciplina [...]”. Freire (1996) diz que para isso não ocorrer o professor deve estimular a curiosidade e despertar a atenção de seu aluno com o uso da tecnologia. Assim, a aula tenderia a sair do tradicional e os alunos, mais motivados, se interessariam mais pelo conteúdo.

A falta de interesse do professor também é apontada como gerador da indisciplina pelo professor G. Fato muitas vezes gerado pela falta de interesse, a falta de motivação do professor é pelo fato de seu sucesso ser pouco reconhecido, devido a falta de prestígio mesmo da profissão (ESTEVEZ, 1995).

O professor F também considera que muitas vezes os próprios professores geram situações de indisciplina, justamente por falhas na relação professor-aluno.

Os professores D e E apontam fatores externos como geradores da indisciplina, como a sociedade, ou quando o aluno traz problemas de casa, familiares. O professor D ainda ressalta que são vários fatores ligados que geram a indisciplina. Para Vasconcelos (2001), muitas vezes os pais com o excesso de trabalho dão prioridade ao trabalho, depois a eles mesmos e depois então a educação de seus filhos deixando a educação deles por conta exclusiva da escola, sendo que o aluno que chega com essa falta de limites geralmente apresenta problema de indisciplina.

O desinteresse do aluno pelo conteúdo é indicado como gerador da indisciplina pelos professores A e G. Freire (1996) diz que se o professor aproximar-se e demonstrar interesse pelo seu aluno ele irá apresentar um maior interesse pela aula. Schön (1997) também diz que o docente deve ser capaz de individualizar, ou seja, de manter sua atenção a um aluno dentro de uma sala cheia. Esse é um princípio da reflexão na ação, com isso o professor terá noção do grau de compreensão e dificuldade de seu aluno, aproximando-se dele, como a idéia exposta de Freire (1996) anteriormente. Esse desinteresse também pode ser causado pela falta de contextualização do conteúdo à realidade do aluno, segundo o PCN+, essa

contextualização pode ser ligada a algo maior, mais abrangente, o principal sobre esse conteúdo é que o conhecimento faça sentido para o discente.

Essa discussão pode ser melhor visualizada na tabela 3.

Tabela 3 – Geradores da indisciplina

	A	B	C	D	E	F	G
Aula mal planejada					X		
Falta de respeito							X
Relação aluno-professor		X				X	X
Professores criam situações que propiciam a indisciplina						X	
Sociedade				X			
Aluno traz problemas de casa				X	X		
Transpor limites							X
Desinteresse pelo conteúdo	X						X
Salas cheias geram conversa			X				
Vários fatores ligados				X			
Falta de interesse do professor							X
Aula tradicional é cansativa	X						

3.4. Particularidades da área que causam mais ou menos indisciplina

O PCN+ sustenta a interdisciplinaridade e a questão proposta verifica, indiretamente, o que os professores pensam sobre a interdisciplinaridade, se enxergam os conteúdos de sua disciplina como algo isolado ou se os consideram parte do todo que compõe os conteúdos do ensino médio.

A resposta mais encontrada foi que não há particularidades de alguma área do ensino (Humanas, Exatas, Biológicas) que causam mais ou menos indisciplina. O professor G acha que “isso é uma questão do trabalho do professor ou do trabalho do aluno. Então eu particularmente não reconheci nada específico da área de ciências. O que eu acho é que existem assuntos dentro de uma disciplina que são obviamente de menos interesse. O

professor tem que dar um jeito de tornar interessante para não gerar essa questão de indisciplina”. A falta de motivação dos alunos quando estes se vêem obrigados a estar na sala de aula sem compreenderem porque estão aprendendo aquilo, qual a utilidade dos conteúdos ensinados propicia situações de indisciplina (EDUCAR, 2008), logo é importante que o professor reflita sobre sua prática e, como disse o professor G, procure meios de tornar o assunto interessante. Para Perrenoud, (2002) o professor reflexivo é aquele que está sempre revendo seus saberes, objetivos e procedimentos por meio de perguntas para compreender seus fracassos e determinar suas expectativas, como expresso na fala do professor G.

Diferente do professor B que afirma “que realmente independente do tempo, independente da escola, do professor, quando o aluno se identifica mais com a matéria, ele tendo a preferência a mais. Ele normalmente é um aluno que participa e [...] vê que aquilo tem significado para ele. Então ele não se desfoca e não começa a gerar problemas de indisciplina”. Esse professor coloca a indisciplina relacionada à falta de interesse do aluno como algo independente do professor, Vasconcelos (2001), fala sobre os educadores transporem a culpa da indisciplina para algo independente da escola por meio de rótulos que colocam em seus alunos. Nesse caso, o professor B rotula seus alunos como “muito mais da área de humanas”. Há outras respostas semelhantes a essa, como “desconforto da matéria” e “assunto não agradável”.

O professor F fala sobre o excesso de aulas expositivas e “aulas centradas, que exigem uma leitura prévia, que as pessoas nem sempre fazem, então se você não pensar muito bem qual é a estratégia que vai usar, você tende a enfrentar problemas de disciplina. Gente que não leu não se envolve, não se envolve está a um passo de criar situações de indisciplina em sala de aula”. Essa opinião retoma a importância das estratégias de aula, das mudanças

para evitar indisciplina e manter o interesse dos alunos, sobre como a forma que os professores organizam as atividades em sala de aula provocam efeitos diretos na motivação dos discentes (EDUCAR, 2008).

O professor A, fala que “cada turma tem uma característica. Por exemplo, na genética, que é uma parte mais exata, tem turma que não gosta, prefere a parte mais teórica, a parte de memorizar. E tem outras turmas que são justamente o contrário”. Isso também está associado as estratégias de ensino, o professor fala sobre adaptar suas aulas de acordo com a turma e as preferências da mesma.

A discussão pode ser visualizada na tabela 4.

Tabela 4 - Particularidades da área que causam mais ou menos indisciplina

	A	B	C	D	E	F	G
Depende da tendência da turma	X						
Memorizar o conteúdo	X						
Quando há preferência por outra área		X					
Notas ruins			X				
Assunto não agradável			X				
Desconforto da matéria				X			
Não				X	X		X
Aulas expositivas						X	
Aulas que exigem leitura prévia						X	
Há assuntos de menos interesse em todas as áreas							X

3.5. Indisciplina já mudou o rumo da aula?

Nessa questão, todos os professores responderam que sim, sendo que o professor F disse que frequentemente e o professor C, ao contrário, disse que raramente. No entanto, os professores têm opiniões distintas sobre o que é mudar o rumo da aula.

O professor D, por exemplo, diz que “você de vez em quando tem que fazer os cortes. Tem que fazer uns breaks na aula para poder controlar alguns casos e depois a retomada da matéria”. Nesse caso, mudar o rumo da aula seria apenas algumas pausas pontuais na aula. Os professores F e G falam sobre mudanças mais radicais nas aulas, como, por exemplo, quando o professor G interrompeu o plano de aula “Então a aula não foi conteudista nem nada, foi uma conversa para tentar esclarecer o que estava acontecendo ali, porque estava realmente uma situação de pé de guerra, não dava mais para suportar o que estava acontecendo”. Woods (1995) discorre sobre a importância da criatividade do professor para tratar assuntos cotidianos da sala de aula e critica a falta de incentivo à criatividade durante a formação de professores.

Já o professor B, fala sobre a dificuldade que tinha para lidar com a indisciplina no começo de sua carreira “Sim, eu acho que muito mais no início da carreira até porque também com a idade, com a experiência, a gente começa a ser mais tolerante. A gente desenvolve acho que essa questão da tolerância mesmo”. Perrenoud (2001), fala sobre a opinião de alguns professores sobre a formação profissional ser pessoal, construída pelas experiências adquiridas na prática do docente e análise das mesmas.

A discussão pode ser visualizada na tabela 5.

Tabela 5 - Indisciplina já atrapalhou a ponto de mudar o rumo da aula?

	A	B	C	D	E	F	G
Sim	X	X		X	X	X	X
Principalmente no início da docência		X					
Raramente			X				
Frequentemente						X	

3.6. Importância dos cursos de aperfeiçoamento profissional e realização destes

Todos os entrevistados responderam que consideram os cursos de aperfeiçoamento profissional importantes, no entanto apenas os professores A, F e G responderam que realizam com frequência. Uma das justificativas para isso foi a dificuldade devido à falta de tempo. Saviani (2006) coloca o salário e a jornada de trabalho como empecilhos para o professor procurar esses cursos.

Outra resposta interessante e muito presente é a referente a importância das trocas profissionais. Segundo Zeichner (1997), um fator que influencia a formação de professores é o fato de os docentes ficarem isolados em pequenas comunidades formadas por colegas que têm as mesmas orientações que eles e isso empobrece o debate e as interações sobre questões referentes à formação. Tal situação acentua a importância dos cursos de aperfeiçoamento, pois como disse o professor F “a prática do outro[...]acaba[...]trazendo sempre uma contribuição para o seu trabalho” .

O professor G fala sobre a necessidade de conciliar a teoria e a prática, “acho que uma coisa muito forte na minha formação é que prática e teoria têm que estar sempre caminhando juntas”. Nóvoa (1995), considera que acabar com a separação de modelos acadêmicos, centrados em conhecimento e modelos práticos, voltados para a metodologia de ensino, é uma mudança importante na formação dos professores.

A discussão pode ser visualizada na tabela 6.

Tabela 6 - Importância dos cursos de aperfeiçoamento profissional e realização destes

	A	B	C	D	E	F	G
Considera importante	X		X	X	X	X	X
Realiza com frequência	X					X	X
Trocas profissionais são importantes	X	X				X	
Há varias oportunidades para sua realização	X						
Fez/faz curso de pós graduação		X			X		
Falta de tempo dificulta fazer os cursos		X	X				
Pretende realizar mais a frente			X				
Possibilita contato com novas experiências							X
Buscar teorias para basear sua prática							X

IV. Considerações Finais

Indisciplina tem várias interpretações, ela é percebida através das atitudes dos alunos em sala de aula, no entanto, uma mesma atitude pode ou não ser considerada indisciplina, dependendo do professor.

Um ponto em comum parece ser o desrespeito, a maioria dos professores considera-o indisciplina, no entanto, o que pode variar é o que cada professor acredita que seja desrespeito e isso não ficou suficientemente claro na entrevistas.

Pelas entrevistas foi possível perceber que todos os professores convivem com a indisciplina, uns mais que outros, mas todos estão em contato com ela e, portanto, procuram e devem controlá-la, já que é um problema persistente em sala de aula.

Também notou-se que poucos dos entrevistados participam de cursos de aperfeiçoamento com frequência, sendo que alegaram que falta de tempo e dinheiro são os principais empecilhos para a realização destes. Isso contribui para a fragmentação de concepções de indisciplina, a falta de discussão sobre o assunto, sobre o cotidiano de diferentes professores, dificulta uma visão mais unificada do que seria a indisciplina e não favorece a formação de professores reflexivos. Curiosamente, o professor com o menor tempo de docência e o com maior tempo de docência, atualmente não mais praticante, foram os que mais enfatizaram os cursos de aperfeiçoamento.

V. Referências Bibliográficas

ABERASTURY, A. *Adolescência*. 6 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. In: SILVEIRA, R. M. C. F. et al. *Indisciplina no Ensino Médio: A concepção de indisciplina e sua repercussão na prática pedagógica*, 2003. Trabalho apresentado ao 4º encontro Ibero-Americano de coletivos escolares e redes de professores que fazem investigação na sua escola, 2003.

ALTET M. *As competências do professor profissional: entre conhecimentos, esquemas de ação e adaptação, saber analisar*. In: PERRENOUD. P (Org.) *Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?*. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 23-32.

AQUINO, J. G. *Confrontos na sala de aula: uma leitura institucional da relação professor-aluno*. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1996.

AQUINO, J. G. *Indisciplina. O contra ponto das escolas democráticas*. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2003.

DE LA TAILLE, Yves. *Limites: três dimensões educacionais*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

FALSARELLA, A. M. *Formação Continuada e Prática de Sala de Aula - Col. Formação de Professores*. 1ª Ed. São Paulo, Autores Associados, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 35ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURLANI, L. M. T. *Autoridade do professor: meta, mito ou nada disso?* 8ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. *Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso*. In: LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. *A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA, 1986. p. 11-24.

NÓVOA, A. *Os professores e a sua formação*. 3ªed. Portugal: Dom Quixote, 1997.

GARCIA, C. M. *A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor*. In: NÓVOA, A. (org.) *Os professores e a sua formação*. 3ª ed. Portugal: Dom Quixote, 1997. p. 51-77.

SCHÖN, D. A. *Formar professores como profissionais reflexivos*. In: NÓVOA, A. (org.) *Os professores e a sua formação*. 3ª ed. Portugal: Dom Quixote, 1997. p. 77-91.

NOVAIS, E. L. *É possível ter autoridade em sala de aula sem ser autoritário?*. Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2004.

NÓVOA, A. *Profissão Professor*. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 1995.

CAVACO, M. H. *Ofício do professor: o tempo e as mudanças*. In: NÓVOA, A. *Profissão Professor*. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 1995. p. 155 - 190.

ESTEVE, J. M. *Mudanças sociais e função do docente*. In: NÓVOA, A. *Profissão Professor*. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 1995. p. 93-125.

SACRISTÁN, J. G. *Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores*. In: NÓVOA, A. *Profissão Professor*. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 1995. p. 63-93.

SAVIANI, D. *Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro*, 2006. Trabalho apresentado ao 4º. Congresso Brasileiro de História da Educação, Goiânia, 2006.

WOODS, P. *Aspectos sociais da criatividade do professor*. In: NÓVOA, A. *Profissão Professor*. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 1995.p. 125 - 155.

VASCONCELOS, Maria Lucia M. C. *(In)disciplina, escola e contemporaneidade*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2001.

ZEICHNER, Ken. *Novos caminhos para o practicum: uma perspectiva para os anos 90*. In: NÓVOA, A. (org.) *Os professores e a sua formação*. 3ª ed. Portugal: Dom Quixote, 1997. p. 115-138.

PERRENOUD, Philippe. *Da reflexão na essência da ação a uma prática reflexiva*. In: PERRENOUD, Philippe. *A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002. p. 29-45.

Site: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm

Acessado em 25/09/2009, as 0:57.

ANEXO I

Professor A

1- Fiz ciências biológicas, licenciatura e bacharelado. Na Universidade Mackenzie me formei em 93. Já faz um tempinho.

2- Porque na verdade acho que a forma de comunicação é muito mais fácil com essa turma. É de igual para igual. Diferente, por exemplo, no ensino fundamental que exige mais exemplos. Enfim, você tem toda uma linguagem específica “pra” criançadinha. E com o adolescente não, é mais tranquilo.

3- 20 anos. No primeiro ano de faculdade eu já dava aula, já lecionava.

4- Eu trabalho em três escolas, as três particulares.

5- Não, só trabalho em escolas. No ensino médio nas três escolas que eu leciono. E é engraçado esse tipo de pergunta, ainda bem que ela foi muito bem feita (risos). Porque normalmente essa pergunta vem: você só dá aula ou trabalha? Ainda bem que não foi feita essa pergunta (risos).

6- Indisciplina? Na verdade envolve uma séria de coisas. Indisciplina é quando você está explicando algo e o aluno está conversando, está atrapalhando, é indisciplina. Na hora de fazer uma tarefa, um exercício, deixa de lado essa tarefa e passa a conversar, a falar sobre um outro assunto. Acho que é principalmente isso.

7- Sempre é uma grande batalha na verdade. A gente busca várias estratégias possíveis e que acaba sendo aquela mais conhecida que é justamente chamar a atenção, entendeu? É num primeiro momento chamo a atenção, procuro não colocar para fora, só em último caso que eu coloco para fora e levo para a direção. Quando é gravíssimo, caso contrário não. Então eu berro primeiro, tento colocar ordem na sala, busco a pessoa uma, duas, três vezes chamando a atenção. E como eu falei então só no último caso então que eu vou colocar para fora e vou comunicar a coordenação e a direção. Comunico quando tem desrespeito com o professor ou quando tem desrespeito entre eles. Aí acho que é um caso sério.

8- Sim, com certeza. Tem que pensar em estratégias diferentes. E que na verdade eu faço isso semanalmente. Então, por exemplo, quando eu estou trabalhando, resumindo, dando tudo mastigadinho e percebo que o pessoal não está prestando atenção mais por conta disso ser muito fácil eu mudo de estratégia. Então é preciso estar buscando no texto, buscando no livro, não está trazendo um resumo. Bom, quando isso já cai também e eles acabam cansando dessa estratégia, muda e vamos começar com um recurso áudio visual. Então cada semana a gente tem que pensar em uma estratégia diferente.

9- Bom, ela coloca que é estar usando de bom senso primeiramente, não é? (risos) Bom senso acima de qualquer outra coisa. E é claro que em casos de determinadas pessoas em que determinados alunos em que já é muito comum em outras matérias, disciplinas, então é para ter o pavio curto mesmo. Assim, olha, já está passando dos limites, já passou com outros professores. Então é para mandar para a direção. Que é um caso específico.

10- É, tem uma parte da biologia que exige o que? Memória. Na verdade, assim, são nominhos, estruturas dentro de estruturas de outras estruturas. E que eles não gostam de estar

decorando, ou melhor, memorizando. E eu sempre coloco para eles o seguinte: o primeiro passo é entender o mecanismo, como funciona e tal. Um segundo passo, assim, tem que memorizar. Mas mesmo assim há um desânimo em relação a isso. Na verdade, assim, cada turma tem uma característica. Por exemplo, na genética, que é uma parte mais exata, tem turma que não gosta, prefere a parte mais teórica, a parte de memorizar e tal. E tem outras turmas que é justamente o contrário. Depende das tendências.

11- Eu acho que é o desinteresse pelo conteúdo, eu acho que muitas vezes a aula fica muito tradicional. E em relação ao que a gente tem hoje aí na sociedade, os atrativos, enfim, as informáticas da vida. Então acho que quando a aula cai no tradicional ela fica muito cansativa. E quando fica muito cansativa, gera indisciplina.

12- Bom, acho importante sim, acho bastante importante. Curso de reciclagem, não é? Assim, nenhum mestrado. Mestrado eu nunca fiz. Mas cursos assim de oficinas escolares, trabalhos de laboratórios com frequência a gente faz, mesmo aqui no colégio. Então tem várias oportunidades. Agora mesmo está acontecendo essas trocas, como você trabalha em sala de aula, as estratégias e tal. Troca com outros profissionais é bacana, é importante.

Professor B

1- Me formei em licenciatura e bacharelado em Biologia na Unicamp. Fiz mestrado na parte de supervisão e currículo na PUC de São Paulo, na educação e comecei a fazer doutorado em formação de professor na Unicamp, mas o doutorado eu já abandonei, não teve como lidar com o doutorado e o trabalho.

2- Olha, na verdade eu sempre quis ser professora, eu não tinha definido qual seria o segmento. Mas eu sabia que eu jamais seria uma pesquisadora nascida pra laboratório, sempre gostei mesmo do ensino. Então aliei a disciplina que eu gostava, o conteúdo que eu gostava, com a possibilidade de dar aula.

3- Eu me formei em 91. Desde 92 então. Como a gente se formou em Biologia é difícil de calcular. São dezessete anos.

4- Agora eu trabalho só no Lourenço, mas já teve períodos, há uns dois anos atrás, que eu trabalhava em duas escolas. Tinha o Lourenço e tinha mais uma escola.

5- Não. Só com escola.

6- Olha, acho que a indisciplina é aquele momento aonde, por algum motivo, os professores e os alunos não tão afinados com os objetivos. Eu acho muito difícil chamar pra mim um aluno, por exemplo, que de repente fica dormindo. Pode não me atrapalhar, mas é um aluno indisciplinado. Um aluno que de repente conversa sobre o tema, um aluno que faz muita pergunta e se distrai, eu acho que não é um aluno indisciplinado. Então, a indisciplina acho

que a gente tem sempre em sala de aula, mas acho que não tem uma definição. Eu acho que é um conjunto de atitudes que levam a indisciplina.

7- Olha, eu acho que no início, assim, eu só chorava porque eu achava que eles iam acabar comigo. Mas eu acho que eu sou uma professora que consigo lidar muito com a indisciplina. Eu acho que eu brinco muito com eles, eu coloco os limites. Então eu acho que isso é importante. Entendeu, na hora que você deixa limites claros, que você realmente mostra pra eles aonde, até onde vai o seu limite, eu acho que eles te respeitam e acho que eles conseguem tranquilamente serem alunos disciplinados.

8- Sim. Eu acho que muito mais no início da carreira, até porque também com a idade, com a experiência, a gente começa a ser mais tolerante. A gente desenvolve acho que essa questão da tolerância mesmo. Então assim, você muda o rumo, eu sempre tenho um cuidado muito grande que é dentro do que eu acredito, e eu não sou assim uma pessoa muito a favor do ensino tradicional. Do professor virar, ficar na lousa, fazer provas e acabou. Então, eu acho assim, muitas vezes, esse tipo de aula, são aulas que desmotivam os alunos, os alunos dos tempos de hoje, que são alunos que têm um contato com a imagem muito grande, com outros meios de comunicação. Então, assim, hoje eu acho que eu faço muitas coisas, eu uso estratégias em sala de aula muito diferentes do que eu usava antigamente. Eu acho que num sentido positivo na questão da disciplina, então eu vou te dar um exemplo. Eu trabalhar na biblioteca com eles, trabalhar em grupo, assim eles se mobilizam, e eu acho que eu consigo mudar o rumo quando eu vejo que a coisa vai desandar.

9- Sim. Na verdade assim, a escola tem todo um trabalho junto dos professores, junto a coordenação, que a gente deixa claro qual é o objetivo, qual é o aluno que a gente espera dentro do projeto da escola. Então acho que a grande questão é você, com o jeito de cada um, com o que você acredita, fazer valer o que a escola coloca dentro do seu projeto e do que ela aceita ou não como instituição.

10- Não. Eu acho assim, o perfil aqui dessa escola não seja um perfil no qual os alunos são muito mais da área de humanas, então eu acho que realmente independente do tempo, independente da escola, do professor, quando o aluno se identifica mais com a matéria, ele tendo a preferência a mais, ele normalmente é um aluno que participa e que não usa aquilo lá, ele vê que aquilo lá tem significado pra ele. Então ele não se desfoca e não começa a gerar problemas de indisciplina. Mas eu acho que aqui, por exemplo, a escola que eu dou aula, não é uma escola onde haja uma grande preferência pela área de biológicas. Então muitas vezes eu sei que tem aluno que não curte muito, mas eu não acho que isso seja um fator determinante pra ele se tornar indisciplinado por conta disso.

11- Olha, eu acho que é a sala de aula, são alunos e professores. Eu acho que é um feedback o tempo todo. Na verdade assim, eu acho que em muitos momentos nós, não há dúvida nenhuma, que a gente lida aqui no ensino médio com adolescentes, então os alunos sempre são, na faixa etária que estão, grandes questionadores, são rebeldes em muitos aspectos. Então, eu acho que tem a questão da indisciplina natural da idade. Agora, muitas vezes, a gente como professor, tem que conseguir lidar com isso, tem que entender e também saber que a gente tem o papel de educar e que na sala de aula é um espaço coletivo, que na sala de aula não sou só eu que to valendo, que na sala de aula não pode haver preferência, diferenças entre aluno e professor que eu acho que abre nessa questão da autoridade. Então eu acho que

realmente a indisciplina ela está na relação, está na relação, está no mediador, nessa mediação entre professor e aluno. Os alunos não são indisciplinados porque são indisciplinados e só, ponto final.

12- Na verdade assim, meu mestrado e meu doutorado são o caminho que eu tive pra isso. Eu já passei, eu acho que nos tempos de hoje até pra aliar a vida pessoal, a vida familiar, eu tive que abrir mão do doutorado, mas eu sempre acreditei que é necessário. Eu acho que você aprende com os outros, eu acho que em toda área cada vez mais exigência é necessária para você se especializar e alguns aspectos que você aprende só superficial. Então eu já fiz a minha parte, mas eu sempre tenho interesse em continuar, muitas vezes a gente não consegue porque tem que aliar, tem que ter tempo para isso, com a carga de trabalho, com os filhos e com a família. Mas eu acho, sem dúvida, que você parar na graduação jamais será suficiente pra sua carreira profissional.

Professor C

1- Sou formado em física pela PUC de São Paulo.

2- Na verdade eu não escolhi. A necessidade me fez vir para o magistério.

3- Eu estou com 20 anos de magistério.

4- Atualmente só nessa. Mas com carga cheia.

5- Fora da escola eu tenho cursos de astronomia que eu toco de forma independente.

6- É desrespeito.

7- Eu geralmente não tenho problema de indisciplina, mas caso haja necessidade tem que ser rígido e manter a regra.

8- Em 20 anos de magistério eu lembro de pouquíssimas vezes que eu tive que excluir aluno da sala de aula. Eu acho que duas, três vezes no máximo eu exclui aluno. Mas se for necessário, tem que excluir.

9- Permite. Não tem grandes interferências e outra, a escola tem que ser parceira do professor.

A partir do momento que o professor faz ou toma uma postura para conter a indisciplina a escola tem que bancar essa postura.

10- Acho que sim. Pelo fato de o assunto não ser dos mais agradáveis e as notas não serem tão boas, isso ajuda a conter o problema da indisciplina.

11- Olha, as salas geralmente são muito lotadas, tem pouco espaço físico, fica muita gente e isso gera uma conversa paralela o tempo todo. O que não chega a ser indisciplina, mas que atrapalha bastante. Então eles estão muito próximos e aí eles conversam, é natural. E isso atrapalha bastante.

12- Considero importante, mas pelo fato de o magistério não ser uma profissão bem remunerada a gente está preso a dar um monte de aulas para conseguir sobreviver. Então o tempo livre se torna mínimo. Mas depois de aposentado, eu gostaria de fazer mestrado em astronomia.

Professor D

1- Eu sou formada em matemática. Com habilitação pra Matemática, Física e Desenho Geométrico

2- Me sinto melhor com essa faixa etária. Por me sentir bem com eles, é isso.

3- Difícil, deixa eu ver, preciso pensar. Vinte anos.

4- Atualmente duas.

5- Não, não. Só as escolas, já consome todo o tempo, não dá mais.

6- Indisciplina acho que é falta de limites. As coisas estão um pouco misturadas, falta de limites tanto em casa e aí o aluno trás dentro da sala de aula. Indisciplina, falta de limites. Que tem que ser estipulado.

7- Primeiro, colocando esses limites, colocando a tolerância para eles qual é. E depois sempre pontuando, tem que pontuar pra saber onde está o erro. Acho que é isso.

8- Assim, no que ela atrapalha, é que você de vez em quando tem que fazer os cortes. Tem que fazer uns breaks na aula para poder controlar alguns casos e depois a retomada. Então ela acaba atrapalhando sim quando acontece.

9- A escola, realmente, ela não coloca como deve ser lidado, mas aí tem o bom senso, e a gente sempre conversa com os coordenadores sobre isso.

10- Não. Indisciplina não, isso não está relacionado. Tem aquele desconforto da matemática quando ela fica muito abstrata, mas não é que é indisciplina, isso é diferente. Não, isso não.

11- Eu acho que é um todo, não tem um principal. Acho que são vários fatos, porque vem já de casa, da sociedade, tudo. Acho que está tudo junto, acho que num tem um fator só. Tudo ligado.

12- Sim, considero. Fiz alguns cursinhos no ano passado e sempre estou de olho para ver se aparece alguma coisa para fazer. A gente precisa reciclar, renovar, aperfeiçoar. Isso é muito bom, é importante.

Professor E

1- Minha formação é em geografia e eu estou fazendo mestrado na faculdade de educação.

2- Eu escolhi dar aula e o ensino médio apareceu para dar aula. Mas depois eu gostei bastante de dar aula no ensino médio. Eu prefiro dar aula para o ensino médio. Mas eu decidi dar aula enquanto eu estava na faculdade mesmo que escolhi dar aula.

3- Tempo de docência? Nove anos.

4- Atualmente só nesta aqui.

5- Não, de vez em quando alguma oficina, alguma coisa assim que me chama a atenção. Basicamente é isso.

6- Indisciplina? Ai, me pegou com essa pergunta. Bom, indisciplina é quando acontece de os alunos acharem que tem coisas mais interessantes para fazer do que na própria aula e aí você tem problema para organizar as atividades que são propostas. Mas é um problema que vem dos dois lados. Primeiro do planejamento da aula, quando você não planeja muito bem a aula você corre o risco de perder o controle das atividades, por isso planejo as atividades que tenho que fazer. Ainda tem outros casos que os alunos trazem problemas de casa e isso são coisas que costumam explodir em sala de aula.

7- Com planejamento de aula. Planejo as aulas, planejo as atividades. Se você tem todo momento alguma coisa para fazer é muito mais difícil que o aluno, quando ele decidir não

fazer a atividade ele sabe que se teria alguma outra coisa para fazer. É uma decisão dele não fazer e aí fica mais fácil de se controlar. O problema é quando não planeja a atividade e aí sim você perde o controle da situação.

8- Mudar o rumo? Já, claro. Vê que a atividade não está dando certo e que enfim pode ser muito mais difícil do que eles queriam. Ou o que é mais comum, ser muito mais fácil, dar uma atividade que é muito mais fácil. Se você subestimar a classe eles terminam rapidamente aquela atividade, não vêem muito sentido naquilo e começa. Aí você tem um problema, tem que justamente pensar em alguma outra coisa. Foi o que eu falei, é questão de planejamento.

9- A escola exige isso e não permite. Você que tem que lidar com a indisciplina. Isso é um problema de sala de aula e em casos extremos você tira o aluno de sala de aula. Mas aí é quando você não tem condições. É um aluno que está atrapalhando. Você não pode dedicar todo seu tempo aquele único aluno, aí você tira de sala de aula. Mas geralmente é por algum problema que ele traz que é extra de aula.

10- Não, não acho que tenha. Alguns momentos têm, em geografia, a gente tem alguns momento de debate, alguma questão política, mas isso envolve, geralmente, envolve mais a sala. E também tem que ver, pensar o que cada um chama de indisciplina. Você pede uma atividade em grupo e necessariamente você tem que conversar, tem que levantar, tem que falar. Isso não é indisciplina, ele está envolvido com a atividade. Disciplina não é ficar todo mundo sentado ouvindo.

11- Principal gerador da indisciplina? É não preparar a aula, não planejamento. Não planejamento acho que é o principal.

12- Considero, acho fundamental fazer. Tem que estar sempre estudando. Eu, por exemplo, agora estou fazendo mestrado na faculdade de educação e metodologia de ensino. Acho que é importante fazer sim, eu faço sim.

Professor F

1- Eu sou formado em História pela universidade de São Paulo. Eu tenho graduação e licenciatura em História e depois eu fiz bacharelado em Direito. Sou bacharel em direito.

2- Primeiro eu escolhi dar aula, o ensino médio aconteceu ao longo do tempo. Acho que desde que eu entrei na universidade de história, eu tinha meio claro que eu queria trabalhar com educação. Enfim, acabei indo parar no estado, trabalhei alguns anos em uma escola estadual e foi uma experiência muito rica, muito interessante que eu tive lá nessa escola estadual, que me fez ter certeza de que trabalhar com educação era algo que me interessava. E de lá pra frente, nem segui a carreira de Direito.

3- Eu comecei a dar aula em 82, tem vinte e sete anos. Eu tava no segundo ano da faculdade, no segundo semestre, mais ou menos em setembro de 82 que eu comecei a dar aula.

4- Não mais. Trabalhei muitos anos em outras escolas, mas há dois anos eu estou só aqui nesta escola.

5- Não. Atualmente trabalho só na escola.

6- O que eu considero indisciplina? Indisciplina. Primeiro, o aluno do ensino médio, é natural que ele queira romper limites, que ele queira testar os espaços e tal. Indisciplina é isso, é romper limites, é romper, é quebrar as restrições que a instituição estabelece. E que é parte do trabalho da instituição, e uma parte do trabalho deles é fazerem essas tentativas de rompimento. Agora, no momento em que essas tentativas de rompimento se transformam em

desrespeito. Isso acho que configura efetivamente a indisciplina mais séria, a indisciplina mais grave.

7- Então, você foi minha aluna. Nesse longo período que eu dei aula, eu raras vezes pus aluno pra fora. Eu procurava sempre resolver as questões dentro da sala com os alunos indisciplinados, criando situações ou conversando. Fazendo intervenções que tentassem solucionar as questões ali dentro. Porque achava que esse era o meu papel e, evidentemente, quando as coisas se tornavam mais sérias, você excluía alguém de sala. Mas, normalmente, eu tentava resolver lá dentro, conversando, realizando alguma intervenção. Muitas vezes, eu acho que a indisciplina, somos nós docentes, que criamos situações que propiciam a própria indisciplina. Daí, a gente precisa ter bastante cuidado pra lidar com ela.

8- Sim, inúmeras vezes, ao ponto de ter que parar tudo, de dar broncas muito grandes em todo mundo, ter que excluir gente de sala, mesmo que a contra gosto, ter que mudar, a atividade no meio, em função da situação que foi gerada na sala. É disso que eu falo, muitas vezes você precisa repensar o rumo da sua atividade em função da reação que aquilo provocou no grupo.

9- Essa aqui sim, nunca me criou maiores problemas com a maneira de eu lidar com a indisciplina. Talvez o meu jeito de lidar com a indisciplina estivesse muito de acordo com o que a escola entendesse. Trabalhei em escolas, que tinham posturas muito rígidas, com a questão disciplinar, e aí eu tinha muita dificuldade para lidar com isso. Mas essa aqui é uma escola que em questão disciplinar, ela é muito conversada, ela é tratada com muita flexibilidade. Tem aspectos positivo e isso há problemas que isso também acaba gerando.

10- O excesso de aulas expositivas ou então, aulas centradas, que exigem uma leitura prévia, que as pessoas nem sempre fazem, então se você não pensar muito bem qual é a estratégia que você vai usar, você tende a enfrentar problemas de disciplina, gente que não leu, não se envolve, está a um passo de criar situações de indisciplina em sala de aula.

11- Eu acho que tanto o professor, quanto o aluno, provocam situações de indisciplina. Eu acho que na sala de aula, é fundamental a relação que se estabelece entre o professor e o grupo de alunos. Dependendo de como essa relação se estabelece, eu vou ter mais ou menos oportunidades para indisciplina. Volto a dizer o papel do aluno é testar limites, o papel do aluno é tentar ampliar o seu espaço, o papel do professor é assegurar que a aula aconteça, é assegurar o desenvolvimento daquele pacote que ele tem que desenvolver. Ele precisa estabelecer um pacto, uma relação com esse grupo de alunos para que as coisas possam acontecer. Tem gente que, ao invés de tentar estabelecer esse pacto, entra como se fosse o único dono da verdade e fecha a questão, e situações aí tendem a ser, quando acontece a indisciplina, aí as coisas costumam ser explosivas. Há pessoas que, por outro lado, na hora de fechar o pacto, são tão frágeis, que deixam um espaço enorme para os alunos, também vão ter dificuldade pra contê-los mais adiante. Então, vai depender muito de como essas relações se estabelecem.

12- Eu fiz muitos cursos, participei de congressos e isso é sempre importante. É sempre importante a prática do outro, acaba trazendo sempre uma contribuição para o seu trabalho. Seja para você, apropriar-se da prática do outro, seja pra você olhar para prática do outro e falar “não, eu tenho certeza que o meu caminho é o caminho mais correto, mais adequado”. Mas é fundamental a gente estar em contato, estar pensando. O professor precisa se preocupar

com a sua própria formação e não pode se limitar ao que ele recebeu nos bancos da universidade, precisa continuar constantemente em processo de formação.

Professor G

1- Sou formado em ciências biológicas, licenciado na verdade pela Universidade Mackenzie. Atualmente estou cursando o último ano de bacharelado.

2- Porque eu sempre fui muito encantado com essa questão de aprender na verdade. Eu acho que conhecimento só é válido quando você tiver com quem dividir. Conhecimento para você mesmo morreu. Você não fez nada com ele.

3- Na verdade eu não sou docente, eu só fiz estágio. Então tem aí três anos de sala de aula. Mas nos últimos dois estágio eu dei uma carga horária interessante, então eu consideraria que tem, sei lá, um ano mais ou menos de prática docente.

4- Em duas escolas, as duas particulares.

5- Então, atualmente sou monitor do curso de licenciatura, tudo na mesma faculdade. E estou ingressando na carreira docente para o ensino público.

6- Pergunta difícil. O que é indisciplina? Eu acho que prioritariamente é falta de respeito. Aquilo de você não saber onde termina o seu limite, a sua parte e começa a do próximo. Eu acho que indisciplina não é só uma questão de bagunça, não é só uma questão de berrar, por exemplo. Mas você estar falando para a pessoa e ela não estar te ouvindo, fazendo pouco caso do que você está falando é tão indisciplina quanto, porque ela não está respeitando o trabalho que você está fazendo. Então para mim indisciplina é isso, é uma perda dessa noção do que é o respeito entre uma pessoa e outra ou entre uma pessoa e um grupo.

7- Depende do tipo de indisciplina que é. Se essa indisciplina é do tipo conversa, é do tipo você não está querendo me ouvir, primeiro eu vou querer saber. Aliás, isso considero para qualquer tipo na verdade. Porque que isso está acontecendo? Acho que você tem que parar e olhar para a minha prática mesmo para saber o porque que o meu aluno está desse jeito. O que eu estou fazendo de errado que pode estar levando ele a isso. E saber dele também o que está acontecendo. Às vezes, pode ser alguma coisa fora da escola que está levando a esse tipo de comportamento. Poder conversar com o aluno em si, saber porque ele está assim é o primeiro passo para qualquer tipo de atitude que eu for tomar. Daí dependendo de onde for vindo o problema você pode tomar diferentes atitudes. Por exemplo, se eu identificar que o problema é com a minha prática, eu vou procurar rever. Por exemplo, minha aula não está fazendo o menos sentido para o aluno e isso desperta o interesse, aliás, perde o interesse. Então, é óbvio, ele vai perder a noção de que essa aula é importante e vai parar de prestar atenção. Então eu tenho que reformular essa aula que eu estou fazendo. Agora se eu identificar que o problema está mais voltado com o aluno, com o interesse dele do que com a minha matéria em si, eu tentaria primeiro me posicionar em relação a ele, mostrar que é importante prestar atenção, que é importante interagir, tem toda essa questão do aprendizado. Em última instância procuraria os pais, se for algum problema de família, se for algum problema que esta criança possa ter que esteja além do limite do professor trabalhar e veria como eu posso resolver isso junto com os outros órgãos da escola. Veria com a parte pedagógica ou psicológica mesmo, procurar resolver esse problema. Mas eu acho que o diálogo é um ponto muito importante para essa questão da indisciplina.

8- Já. Uma vez, no estágio do semestre passado na verdade a gente tinha um problema muito sério com um aluno que não respeitava uma opção sexual de um outro. Toda aula era uma zona porque eles ficavam fazendo piadinhas e brigando. Chegou uma hora que eu me irritei,

porque na posição de estagiário a gente é recomendado a não tomar nenhuma atitude para interferir no rumo da aula em si. Então, eu cheguei a comentar até com os professores do curso do Mackenzie. Conversei com a professora responsável pela disciplina e me propus a conversar com os alunos sobre isso. Então, eu conversei com eles porque que isso estava acontecendo, se isso era frequente, quais as atitudes que aconteciam ou não. Como eu falei, acho que o diálogo é importante. Então a aula não foi conteudista nem nada, foi uma conversa para tentar esclarecer o que estava acontecendo ali, porque estava realmente uma situação de pé de guerra, não estava mais para suportar o que estava acontecendo. E eu, particularmente, se fosse uma aula exclusivamente minha, eu tentaria resolver antes desse ponto crítico. Eu acredito que quando se percebe que tem algum problema tem que remediar de alguma maneira, não pode deixar isso acumular.

9- Então, por se tratar de uma escola particular, obviamente você tem algumas indicações disso. Então, por exemplo, você não pode apontar o aluno como causador da indisciplina em primeiro caso. Porque também não é o aconselhável a se fazer em momento algum. Mas tinha que ter todo um cuidado de como tratar isso com o aluno, você não podia conversar diretamente com ele, você tinha que chamar os pais do aluno para uma conversa com a coordenação. Então você não tinha a liberdade para uma atitude pontual, mas tinha que ter todo um procedimento burocrático para tratar dessa questão.

10- Eu acho que indisciplina não está ligada na questão da disciplina em tipo ciências, biologia, seja o que for. Eu acho que isso é uma questão do trabalho do professor ou do trabalho do aluno. Então eu, particularmente, não reconheci nada específico da área de ciências. O que eu acho é que existem assuntos dentro de uma disciplina que são obviamente de menos interesse. O professor tem que dar um jeito de tornar interessante para não gerar

essa questão de indisciplina. Porque eu acho que o ponto, o foco principal da geração da indisciplina é a falta de interesse, falta de vontade de participar da aula. Então você acaba extrapolando esses limites para se distrair mesmo, para fazer alguma outra coisa que não tem mantenha ali naquela mesma coisa. Então eu não reconheço nenhuma específica de ciências, mas eu acho que todas as matérias têm esses pontos e que é aí que você tem que focar mais.

11- Bom, como eu acabei de falar na verdade, eu acho que é a falta de interesse tanto de aluno como de professor. Porque eu acredito que professor também pode ser indisciplinado. Como eu falei indisciplina para mim é a perda dessa noção de respeito. Então quando o professor passa a não respeitar os limites do aluno também, eu gero uma indisciplina do professor. Eu estou impondo alguma no aluno que tende ao autoritarismo. Então eu acho que é péssimo tanto para um quanto para o outro. E eu acho que isso é o que gera em especial a indisciplina. É uma falta de interesse, uma falta de entendimento. Em especialmente nessa questão de diálogo entre professor e aluno, que é uma coisa que devia ter mais na escola. Se tem algum problema vamos sentar juntos para ver o que a gente pode resolver.

12- Eu acho que qualquer curso que leve a uma formação continuada do professor, que mantenha em contato com novas experiências sempre ajuda a reformular a prática. Acho que uma coisa muito forte na minha formação é que prática e teoria têm que estar sempre caminhando juntas. Então se eu tenho uma situação na prática na qual minha teoria não está se adequando, eu tenho que buscar uma nova saída teórica para dar embasamento para uma nova prática. Então cursos de formação, cursos de extensão, que seja, eles são fundamentais. Eu acho que assim, eu procuro me manter o máximo em contato com novas extensões, novas experiências mesmo, para saber o que está acontecendo. Por exemplo, eu desejei ser o monitor de licenciatura justamente por ter esse novo contato com novas experiências. Porque

uma coisa é você ter uma formação como aluno e outra coisa é você ter uma outra visão disso. Então, eu acho que você estar sempre tendo contato com essas novas visões, novas perspectivas da coisa, ajudam a você enriquecer sua prática e ajudam a te embasar ao buscar novas teorias no mínimo para te ajudar, tem que estar melhorando essa sua prática.